

CONTRIBUTOS DA PEDAGOGIA FEMINISTA: UM OLHAR FREIREANO SOBRE SABERES E PODERES PROBLEMATIZADOS EM OFICINAS DE CRIAÇÃO.

Eliane Godinho Corrêa¹

Profª Drª Márcia Alves da Silva²

Resumo: Este trabalho pretende discutir o artesanato como trabalho e suas potencialidades, no processo educativo e construtivo da autonomia das mulheres. O fuxico³, é o pano de fundo problematizador da temática que envolve a proposta de investigação e discussão. Uma pesquisa artesanal sobre si, seu artífice, o contexto, o labor-poder-fazer artesanal, na vida de mulheres em uma comunidade de periferia no município de Pelotas. No caso mães, alunas e professoras que participam de oficinas de criação, no espaço escolar. Partindo dos atravessamentos, das relações e memórias, a ideia é trazer o artesanato à tona para discuti-lo como potencializador da produção de subjetividades das envolvidas, poder e empoderamento, além de resistência, gênero, ser mais e entre outros. Problematizaremos o universo feminino e as relações que se estabelecem a partir da perspectiva do trabalho não formal da realidade da mulher, seu saber-fazer-poder como um processo ético-político e formador. O ato de resistência é o que se encharca de “criação artesanal”, luta ativa que está intrinsecamente ligado ao modo de (re)significação dos signos a serem nomeados com sentido para aquela que busca, cria e pensa seu estar no e com o mundo, qual percebe-se um ser político. Pensando juntas, possibilidades de criação e de autonomia, onde o fuxico assume um papel importante no processo investigativo, de escrita e pesquisa.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia Feminista, autonomia, oficinas de criação.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, eliane-g-c@hotmail.com.

² Orientadora, Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, prof.marciaalves@gmail.com.

³ O fuxico é uma técnica artesanal que remonta há pelo menos 150 anos, que aproveita restos de tecido. O nome FUXICO surgiu por causa das mulheres do interior do Nordeste do Brasil, que se reuniam para costurar e aproveitavam para conversar. O fuxico consiste em umas trouxinhas de panos, feitas costurando círculos recortados de sobras de tecidos. Costuradas umas às outras essas trouxinhas formam colchas, toalhas de mesa, caminhos de mesa, capas de sofá, almofadas, peças de vestuário, bolsas, bijuterias, entre outros. Elas também podem ser utilizadas para decorar panos de copa, caixinhas de madeira, tiaras, camisetas e muito mais. Com o uso de diversos tipos de dobradura e composições é possível obter diferentes e lindos tipos de flores, além de muitos tipos de bichinhos como, por exemplo, borboletas, corujas e joaninhas. (Fontes: <<http://www.infoescola.com/artes/fuxico-artesanato>>

<<http://www.acessa.com/mulher/arquivo/artesanato/2004/04/15-fuxico>>).

Introduzindo o fuxico...

Este trabalho pretende discutir o artesanato como trabalho e suas potencialidades abordando a trajetória de vida de mulheres participantes de oficinas de criação em uma escola de periferia da cidade de Pelotas - RS. No caso mães, alunas e professoras que participam de oficinas de criação, no espaço escolar. Partindo dos atravessamentos, das relações e memórias, a ideia é trazer o artesanato à tona para discuti-lo como potencializador da produção de subjetividades das envolvidas e empoderamento, além de resistência, gênero, ser mais e entre outros.

Rompendo com o silenciamento das lutas femininas em relação ao mundo do trabalho e suas implicações, além de pensar junto outras possibilidades de existir, criar e problematizar a educação, para além dos espaços formais de ensino aprendizagem, em oficinas coletivas de criação. O artesanato é o grande artifício para fomentar a discussão sobre trabalho, resistência e educação, ele é o pano de fundo problematizador da temática que envolve a proposta de investigação e discussão.

Nas oficinas a pretensão é problematizar o universo feminino e as relações que se estabelecem a partir da perspectiva do trabalho não formal da realidade da mulher, seu saber-fazer-poder como um processo ético-político e formador, sob a ótica da Pedagogia Feminista em diálogo com o pensamento freireano.

O artesanato, geralmente vinculado ao universo feminino, divide opiniões, gera polêmica e discussões entorno do preconceito de gênero, de trabalho, renda, subjetividades, resistência, saber... Assim, o fuxico, é o pano de fundo para problematizar a temática que envolve a proposta de investigação nesta pesquisa de mestrado que começa a dar os primeiros passos, no seu processo investigativo e de reflexão.

É necessário salientar que outros pontos de vista, percebem o trabalho artesanal realizado por mulheres é o de que ele aliena, serve como manutenção dos jogos de poder exercidos em nossa sociedade ainda tão machista, patriarcal e capitalista. Tal pensamento alguns anos atrás permeava a construção social que muitas mulheres tinham acerca do trabalho artesanal, alvo da crítica de muitas feministas. Visto que, para muitas, ele serve como um aparelho de alienação, por ser mais uma atividade feminina realizada no espaço privado de cuidado e atenção ao lar. E, de outro a concepção de que o artesanato autoriza, permite, liberta, gera renda, permite a explosão criativa e curativa, das dores físicas e da alma, além de promover um processo educativo.

Levando estas questões em conta, a proposta do trabalho é investigar como esse saber autoriza e potencializa os saberes dessas mulheres tendo, neste caso, o fuxico como um saber constituído nos espaços não formais de educação. A proporção que este saber tem na vida destas mulheres, como elas se autorizam, se articulam se apropriam do fuxico para compor e enfrentar a vida, como cria e recria, reinventa e (re)significa, a vida. Assim de um lado o artesanato como um instrumento, um artifício, uma estratégia da pedagogia feminista de outro as discussões sobre gênero, violência, educação, sexualidade e tantos outros assuntos a serem problematizados durante o processo de criação e recriação de “suas peças” e de si.

Em relação ao artesanato, o mesmo expressa um grande paradoxo, na medida em que uma atividade altamente refinada e complexa surge a partir de atos mentais simples. Segundo Richard Sennett (2013), três habilidades são essências ao labor artesanal. São elas: as capacidades de localizar (tornar algo concreto, especificar), questionar (refletir sobre suas qualidades, investigar) e abrir (expandir o seu sentido, “abrir-se para”). O último é o que aqui interessa, pois o abrir-se para, diz respeito a estar aberto às possibilidades de fazer as coisas de maneira diferente, de criar, de aprender.

O *fuxico* aparece como tema potencializador do “artesanato” na perspectiva das múltiplas possibilidades de criação. Fuxicando os saberes, produzindo o produto em si e compondo com ele outras possibilidades do existir. Os *retalhos* são elementos do pode ser criado, que é potencializado na criação e recriação, os trajetos que buscam para si, como essas mulheres percebem-se produtoras de conhecimento, que discursos elas assumem quando autorizam-se detentoras de um saber, em que medida vão (re)pensando e (re)significando suas relações, contextos, saberes, espaços-territórios nas oficinas de criação.

Para este processo de investigação/formação a pesquisa participante é de suma relevância para pensar junto as formas de intervenção. As contribuições da pesquisa formação, também são relevantes, pois o modelo interativo ou dialógico, surge como complemento para pensar a relação entre pesquisador e os “atores sociais”, no caso atrizes sociais, possibilitando compreender as memórias e histórias de formação no sentido da investigação/formação tanto para a pesquisadora quanto para os sujeitos envolvidos com o projeto de formação.

Segundo Brandão,

“qualquer pessoa que reflete sobre suas próprias experiências de cada dia e do fio de sua vida reconhece que, mesmo nas dimensões mais simples e mais cotidianas, algumas formas embrionárias do exercício da investigação estão presentes.” (BRANDÃO, 2003. p. 73)

Portanto, nas oficinas outros saberes são extravasados, compartilhados durante as atividades artesanais, como eles se compõem, nos possibilita perceber a artesanaria como um ato educativo, que estimula, instiga o ser mais, de cada participante, pois criar e recriar também é uma vocação ontológica dos sujeitos. Cheios de sentido e significado, atravessados pelas questões do dia-a-dia, ampliando a leitura e intervenção no mundo, inclusive as (re)significando as relações de poder, gênero e sexualidade. Nesse sentido também é importante discutir o artesanato como arte, arte popular a partir da ideia de produção de fuxico, levando em conta que todos somos detentores de saberes, o fuxico como um final de si mesmo e como matéria-prima para tantas outras composições, de produto e de vida.

A intenção é pensar o artesanato como um saber que potencializa o desejo de criação, de percepção de si, de subjetividade, de individualidade e coletividade. Qual articula a educação, a pesquisa e a artesanaria com *ato de resistência encharcado de “criação”, luta ativa, processo sensível e que está intrinsecamente ligado ao modo de perceber-se sujeito histórico*. É nesta tentativa de se [re]criar ao contar e criar seus fuxicos, fuxicar-se, produzir conhecimento, saber, ampliar-se... que as questões sobre gênero, trabalho, histórias de vida, opressão e autonomia são discutidas.

Pesquisas sobre artesanato, estudos sobre gênero e feminismo, o mundo do trabalho, e empoderamento da mulher são temas e questões de relevância que vêm despertando interesse na academia. A artesanaria é um tema que proporciona uma aproximação com uma série de acontecimentos que estão silenciados em nossa memória. Dentre eles, a ideia de artesanato como trabalho, como saber, como produção de resistência e conhecimento, ligados ao processo educativo de constituição do sujeito. Em linhas gerais e simples, a mulher, mãe e esposa cuidadora do lar, e as relações que se estabelecem nesses contextos, inclusive de opressão de classe, de gênero são percebidas nas oficinas de criação, pois uma das propostas da pedagogia feminista está em repensar a própria vida e as relações, historicizando a própria vida.

A luta pela transformação social pode ocorrer em diferentes lugares e momentos, nos espaços formais e não-formais de educação. Sabemos que educar é um ato político e que nem educação, ciência e tecnologia são neutras, busquemos agir mais, intervir mais e forma consciente no mundo, as oficinas de criação constituem esse espaço de intervenção, pesquisa e problematização. Marcela Lagarde y de Los Rios aborda a questão da mulher como sujeito histórico, sujeito do conhecimento que contribui para necessidade de uma antropologia da mulher. Creio que na perspectiva feminista, elaborada por mulheres e para mulheres, a partir da hermenêutica feminista a fala e quem fala é valorizada, pois

“Necesitamos hacer el inventario real de quiénes somos, qué lugares ocupamos en cada espacio, qué hacemos, para quién lo hacemos, cómo lo hacemos, cuál es el sentido de lo que hacemos e ir recogiendo todas nuestras partes. La autonomía se construye con la capacidad de integrar la identidad y nunca con una autoidentidad fragmentaria.” (LAGRDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 53)

Essas questões viabilizam um rever, refazer, (re)significar as relações sociais entre os seres humanos. Revelam também a complexidade das relações e a necessidade delas serem pessoais, individuais e/ou coletivas em alguns momentos, mas terem este espaço garantido, quase que como um local para recuperarmos nossa identidade, história, vida, bem estar. Mas para perceber isso é necessário mais que habilidade, requer sensibilidade de perceber que o artesanato, o fazer com as mãos, pode ser muito mais do que um simples trabalho manual qualquer, mas sim o resultado de uma produção cultural, social e educacional constituindo um processo de reinvenção de si, um processo pedagógico e político, para pensarmos a autonomia e o empoderamento da mulher nesta ótica, pois

“La autonomía es fundamentalmente un conjunto de procesos de poder, por lo tanto se constituye a través de procesos vitales políticos y en lo que tradicionalmente llamamos el ámbito político. La autonomía requiere obligatoriamente de actores sociales constituídos, identificables, que portan, reclaman, reivindicán, actúan, proponen, argumentan, establecen y pactan la autonomía. Y ésta es otra clave importante: la autonomía es un pacto político. Cada avance de autonomía es un avance político y requiere una recomposición de las relaciones de poder, una reconfiguración de la política, y requiere de un lenguaje político pues la autonomía debe ser enunciada políticamente. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 39)

Portanto neste sentido de repensar as questões ligadas a autonomia as contribuições de Richard Sennett, são importantes, pois ele defende que “o trabalho feito pelas mãos pode animar o trabalho da mente” (2013). Num trabalho que aproxima o artesanato da arte, com reflexões sobre habilidade, uso das mãos, oficina filosófica, ética, cultura. Sennett, proporciona um bom debate, inquietações e (re)significações a respeito do labor artesanal e seus processos, inclusive em relação ao modo capitalista e patriarcal de pensar o trabalho artesanal.

Para falar de todas nós, o encontro com o artesanato, possibilita problematizarmos nossos processos educativos vividos e experienciados. Neste caminho, poder conhecer a si mesmo não significa apenas compreender como nos formamos e a influência de nossas experiências em nossa vida mas, para além disso, reconhecer a si próprios como sujeitos sociais, permitindo-nos, encarar a vida, de certa forma *sujeitos de nossas existências*. (SILVA, 2012).

Inventamos, existimos e produzimos subjetividades (inventamos diferentes maneiras de perceber e agir no mundo). A proposta de investigação e escrita, procura estabelecer relação com uma temática a partir de uma questão de pesquisa, para a construção e pequenas coisas

que desafiam a produção em série, pois reafirmam o uso de uma técnica. Na intensidade da criação das mãos e do pensamento das mulheres, levando em conta que

“as mãos são dotadas de uma variedade de movimentos que podem ser controlados como bem queremos e estimulamos. Tais movimentos, aliados ao tato e as diferentes maneiras de segurar com as mãos, afetam nossa maneira de pensar. [...] nossos antepassados humanos aprenderam a segurar as coisas nas mãos, a pensar sobre o que seguravam e afinal a dar forma as coisas; os homens-macacos eram capazes de fabricar ferramentas, os seres humanos produzem cultura.” (SENNETT, 2013, p 169-170)

Ainda, em relação ao trabalho artesanal Sennett diz que a “zona de resistência” tem dois significados: um denota divisa, que resiste a uma contaminação e outro de fronteira, local de separação e ao mesmo tempo de troca. Para ele, no trabalho artesanal o ambiente mais produtivo para trabalhar com a resistência é a fronteira, assim como fazemos nas oficinas. Por isso algo de suma relevância a ser dito neste trabalho é que ao trabalharmos com a concepção de pesquisa participante como metodologia e ideologia, damos enfoque estratégico para ação popular.

Produzem saber, poder, empoderam-se, escrevem suas histórias, tramam seus fios da existência, nos encontros vividos com o outro (outro social, natureza, acontecimentos, o que produz efeitos nos corpos, maneiras de viver). Para aqueles que habilidosamente trabalham com as mãos, elas estão intimamente ligadas a expressão, elas expressam um pensamento, externalizam aquilo que intimamente é desejado, potencializam nossas ações, de todos os membros do corpo humano, projetam seu ser e estar no mundo. Desta maneira quando pensamos em educação, levamos em conta essas questões intrinsecamente ligadas há uma concepção de educação libertadora, por acreditar que

“a educação que propomos, em decorrência de nossa opção política é uma educação que venha a ser construída hoje a partir desse debate amplo, desse caminhar juntos de todos os educadores que somos, e não só pelos professores, mas também pelos pais, alunos, jornalistas, políticos, enfim, por toda a **sociedade brasileira se repensando** (grifos do autor).” (GADOTTI, 1985, p. 26)

Assim quando discutimos essas questões relevantes durante as oficinas, também estamos engrossando *a luta pelo vencer, no sentido de mudar a história*. (GADOTTI, 1985). Pois somos políticos, e nesta perspectiva, há uma especificidade da pedagogia, principalmente quando discutimos, exploração, opressão, trabalho... pois não deixamos de ser educadoras e educadores, somos educadores em todo lugar, como bem diz Freire, e nossa postura política nos acompanha em todos os nossos atos, em qualquer situação em que nos encontramos, encontremos. Sendo assim, “o educador revolucionário tem no método um caminho de

libertação, e é por isso que, na medida do possível, ele discute com o educando a apreensão do próprio método de conhecer.” (GADOTTI, 1985). Assume seu compromisso com a sociedade, com a classe trabalhadora, buscando reinventar o poder.

Para que o processo seja de fato produtor de novos conhecimentos, a participação de todos, no caso todas é fundamental, para isso a leitura de mundo e de classe, o conhecimento da realidade é essencial, pois

“não há outro caminho senão o de partir precisamente do lugar em que a classe trabalhadora se acha. Partir do ponto de vista da sua percepção do mundo, da sua história, do seu próprio papel na história, partir do que sabe para poder saber melhor, e não partir do que sabemos ou pensamos que sabemos.” (GADOTTI, 1985, p. 69)

Neste sentido este trabalho busca contribuir para com o processo de empoderamento de mulheres das classes populares, a partir do que problematizamos durante as oficinas de artesanaria. Portanto o artesanato passa a ser não só uma fonte de renda, mas também uma possibilidade de pensar-se e repensar-se em suas relações no e com o mundo, conseqüentemente com os outros. Romper com o silenciamento das lutas femininas em busca de equidade também é um dos objetivos deste trabalho, que assume seu caráter político e ideológico na desconstrução da lógica patriarcal imposta pelo sistema capitalista e neoliberal, em que o patriarcado, fere, mata e machuca todos os dias, infelizmente. Por isso a necessidade do feminismo e suas contribuições para uma educação libertadora e revolucionária.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação.** São Paulo: Cortez, 2003.

EGGERT, Edla. (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa.** Paz e Terra: São Paulo, 1997.

GADOTTI, Moacir. FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito.** São Paulo: Cortez, 1985.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Para mis socias de la vida: Claves feministas para el poderío y la autonomía de las mujeres.** Madrid: JC Producción Gráfica, 2005.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, Márcia Alves da. **Trabalho de mulher?!: alinhavando, bordando e costurando trajetórias de artesãs**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2012.